

AÇÃO ERGONÔMICA: UM FATOR DE TRANSFORMAÇÃO EM UMA EMPRESA DO SETOR DE ALIMENTOS NO SUL DO BRASIL

HENRIQUE MARTIM DE MOURA¹; **JULIANA GULARTE COUTINHO²**; **LUIS ANTONIO DOS SANTOS FRANZ³**;

¹*Universidade Federal de Pelotas – henriquemdemoura@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – gulartecjuliana@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – luisfranz@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Face ao cenário econômico atual, de acirrada competitividade entre as empresas, tem-se a demanda organizacional de investimentos na qualificação dos colaboradores e no ambiente de trabalho, para que desta forma, as empresas conquistem espaço no cenário mercadológico. Promover um ambiente de trabalho seguro e sustentável é essencial para o sucesso da organização sendo que, a Ergonomia consiste em um dos elementos para contribuir neste caminho.

A ABERGO (2000) pondera que a Ergonomia objetiva modificar os sistemas de trabalho para adequar as atividades nele existentes às características, habilidades e limitações das pessoas com vistas ao seu desempenho eficiente e seguro. Guimarães (2011), por sua vez, ressalta que a Ergonomia tem uma forte contribuição a dar para as melhorias de condições de trabalho, que acabam impactando na otimização da produção e sem perder de vista a saúde do trabalhador. Jackson Filho e Lima (2015), em complemento a isso, apontam que um dos problemas da Ergonomia no Brasil é a maneira como ela é ensinada em alguns casos, sendo apresentada como uma simples técnica de análise do trabalho, que não consideraria os processos de construção social que enquadram a construção técnica da análise.

A introdução da Ergonomia no Brasil, trouxe consigo uma grande taxa de influência da escola francofônica, principalmente no tocante à Análise Ergonômica do Trabalho (AET), a qual, segundo Wisner (1992), se classifica como uma tecnologia social, que deve ser transferida para o ambiente laboral. Para que isto ocorra, a AET deve ser realizada em sua integralidade, a qual tem como seu maior dilema, a ação prática ergonômica, ou seja, a execução de melhorias que foram sugeridas durante o desenvolvimento da AET.

Um dos desafios contemporâneos da Ergonomia nas empresas consiste exatamente em converter os resultados da aplicação das AET em projetos que realmente sejam implementados na prática. A ação ergonômica, é portanto, um dos principais entraves nas organizações.

O presente trabalho tem o objetivo de avaliar e discutir a implementação de recomendações ergonômicas em uma empresa de alimentos situada no sul do Brasil considerando também seus efeitos.

2. METODOLOGIA

As intervenções ergonômicas tratadas no presente trabalho surgiram de discussão realizada pelo Comitê de Ergonomia (CoErgo) da organização, após apresentação de Análise Ergonômica do Trabalho, e recomendações contidas ali, em um determinado setor da empresa. Após apresentação da AET e recomendações ergonômicas, foi levantada a demanda financeira para cada intervenção ergonômica contida no documento. Aliado a isto, foi apresentado aos

membros do CoErgo, uma matriz para facilitar a priorização das ações a serem executadas, a matriz considerou três fatores, custo, esforço e benefício.

A etapa de levantamento das demandas financeiras foi realizada por com vistas a considerar a realidade financeira de cada empresa. Outro ponto que foi ponderado consistiu em verificar o material que a empresa possuía sob seu domínio, para a realização das intervenções ergonômicas, de forma a evitar custos desnecessários.

Optou-se pela matriz de priorização, pois ela realiza um filtro considerável na gama de recomendações ergonômicas contidas nas AET, e permite enfatizar as ações que merecem alocação de tempo e investimentos financeiros de maneira prioritária.



Figura 1-Etapa metodológicas do trabalho.

Fonte: Autores (2018)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As ações ergonômicas realizadas, resultam de discussões relacionadas à Ergonomia realizadas mensalmente pelo CoErgo da empresa. O CoErgo conta com representantes-chaves da empresa, com o intuito de agilizar as ações ergonômicas propostas pelos ergonomistas que atuam na empresa. No Quadro 1 são apresentadas algumas ações ergonômicas extraídas da AET, bem como alguns efeitos de suas proposições.

Quadro 1- Ações ergonômicas realizadas na empresa.

Ação Ergonômica	Consequência
Criação de plataforma ergonômica	Minimizou posturas inadequadas no momento de formação de pallets e na tarefa de alimentação da esteira.
Inserção de banco ergonômico	Evita que o trabalhador fique em pé por longos períodos na jornada de trabalho.
Treinamento dos colaboradores	Buscou padronizar as novas instruções de trabalho, com as ações ergonômicas tomadas pela empresa.
Inserção da empilhadeira no setor de empacotamento	Reduziu drasticamente a manipulação manual de cargas no setor.
Demarcação da esteira	Redução na frequência com que os colaboradores carregam o container.
Redução do tamanho padrão dos pallets	Diminuição de riscos de acidentes, e minimização de posturas nocivas à saúde do colaborador para formação de pallet.

Fonte: Autores (2018)

A primeira ação realizada foi a construção de plataforma, para formação de paletes dos produtos finalizados. Anteriormente, essa tarefa e a tarefa de alimentação da esteira com fardos do produto finalizado, eram realizadas de maneira onde o colaborador ficava exposto a posturas nocivas à sua saúde.

A plataforma foi projetada pelos membros do CoErgo e produzida pelo setor de manutenção da empresa, o custo da plataforma foi reduzido a um terço do custo caso fosse comprada em loja especializada. A plataforma reduziu drasticamente as posturas inadequadas que eram inerentes à atividade antes da intervenção ergonômica no posto de trabalho, estas posturas causavam um esforço excessivo sobre a coluna cervical e lombar do trabalhador.



Figura 2- Tarefa de formação de pallets antes e depois da ação ergonômica
Fonte: Autores (2018)

Outra medida implementada foi a aquisição de bancos semi-sentados pela empresa, os quais ficaram posicionado em lugares estratégicos, próximo aos postos de trabalho que exigiam, anteriormente, que o colaborador realizasse grande parte da tarefa na postura em pé. Esta ação possibilitou, que o trabalhador não fique em pé em toda sua jornada de trabalho, sendo que este banco permite que o trabalhador execute sua tarefa tanto sentado quanto semi-sentado.

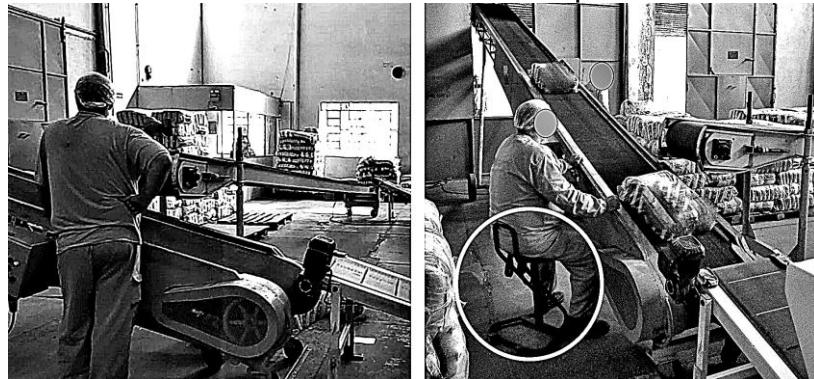


Figura 3- Inserção do banco semi-sentados no ambiente de trabalho.
Fonte: Autores (2018)

Duas ações ergonômicas atuaram conjuntamente na minimização de um eminent perigo à saúde do colaborador no tocante à manipulação manual de cargas. Iida e Guimarães (2016) ponderam que a movimentação de cargas é a atividade que mais afasta e causa transtornos por lesões musculares, responsável por 60% destes casos. A inserção empilhadeira no setor de empacotamento, foi uma medida de cunho administrativo, pois envolveu aquisição uma máquina, e mudanças estruturais no *layout* do setor. Ela foi de extrema relevância ergonômica, pois reduziu drasticamente a manipulação manual de cargas no setor, no primeiro mês de implementação, onde mais de 1.500.000kg deixaram de ser manipulados manualmente pelos colaboradores do setor.



Figura 4- Movimentação de carga, antes e depois das ações ergonômicas
Fonte: Autores (2018)

Outra ação que foi tomada concomitantemente, consistiu na redução do tamanho padrão dos pallets, de 10 fardos de altura para seis fardos. Esta medida de redução dos tamanhos dos paletes, além de reduzir riscos na movimentação da carga com a empilhadeira, também foi essencial para complementar outras ações ergonômicas tomadas pela empresa, como a criação da plataforma ergonômica, que com esta altura para formação de pallets, o colaborador que forma os pallets não precisa esticar-se para a formação, como ocorria em um primeiro momento. Somado a isto, esta medida possibilitou um ganho de 65% de capacidade de estoque, um ganho de importante de produtividade, além de conforto para o trabalhador, uma das premissas da Ergonomia.

As ações ergonômicas possibilitaram um ambiente de trabalho mais confortável e seguro aos colaboradores, além de propiciar um ganho de produtividade no aumento da capacidade de estoque da empresa. A manipulação manual de cargas, foi reduzida drasticamente no setor de empacotamento da empresa. Cabe lembrar que a Ergonomia tem como uma de suas características, a melhoria contínua, ou seja, as melhorias implantadas não são definitivas, mas sim encaminhamentos que deverão motivar novas melhorias futuras.

4. CONCLUSÕES

A inserção da Ergonomia nas empresas, quando ultrapassa o campo de apenas análise, e parte para adoção de recomendações ergonômicas, tem um impacto positivo na jornada de trabalho dos colaboradores. É por intermédio das ações ergonômicas, que o principal ator ergonômico, o trabalhador, percebe e comprehende de maneira mais coesa a Ergonomia, como uma ferramenta social transformadora de seu ambiente de trabalho.

O compartilhamento dos resultados e recomendações ergonômicas para os gestores da empresa, ou colaboradores que possuam poder de decisão para alocação de recursos pecuniários em projetos ergonômicos foi um fator primordial para a efetivação das intervenções ergonômicas no ambiente laboral.

As ações práticas ergonômicas, refletem a vocação da empresa em construir um ambiente de trabalho mais seguro e confortável, bem como obter um ganho em produtividade. O fator financeiro não pode ser entendido como limitador da Ergonomia nas empresas, o trabalho demonstra que algumas ações ergonômicas podem ser realizadas com pouco dispêndio pecuniário.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ERGONOMIA-ABERGO. A definição brasileira da Ergonomia: contribuição para a definição internacional de Ergonomia. Report 2000 to IEA Couincil. Rio de Janeiro/San Diego: Brazilian Ergonomics Association, 2000.

GUIMARÃES, L.B.C. Ergonomia e fatores humanos: bases científicas. In: MÁSCULO, F.S.; VIDAL, M.C. **Ergonomia: Trabalho Adequado e Eficiente**. Rio de Janeiro: Elsevier. 2011. Cap.6, p.111-131.

IDA, I.; GUIMARÃES, L.B.M. **Ergonomia: projeto e produção**. 3.ed. São Paulo: Blucher, 2016.

JACKSON FILHO, J.M.;LIMA, F.P.A. Análise Ergonômica do Trabalho no Brasil: transferência tecnológica bem-sucedida?.**Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 40, n. 131, 2015.

WISNER, A. A antropotecnologia. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 6, n. 16, p. 29-34, 1992.